



Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

Desemprego: indicadores preocupam

Em fevereiro, de acordo com o IBGE, o emprego na indústria recuou 1,3%. É o quinto mês de queda consecutiva desse indicador, já descontados efeitos sazonais. No acumulado desde janeiro, o setor registra uma queda de 3,4%.

As reduções maiores ocorreram nas regiões Norte e Centro Oeste (- 6,7%) e nos estados de Minas Gerais (- 5,5%) e de São Paulo (- 3,6%).

A tendência também se observa em outros setores, afetando toda a economia. A taxa de desemprego nas seis principais regiões metropolitanas subiu para 8,7% em fevereiro. Em janeiro de 2009, a taxa ainda encostava nos 8%.

Setores mais afetados na indústria

Em São Paulo, os setores mais afetados foram os produtores de metal, borracha e plástico, máquinas e equipamentos e meios de transporte. Este último setor também é o mais atingido pela queda do emprego industrial em Minas Gerais. Nas regiões Norte e Centro Oeste, os setores mais afetados foram os situados na produção de madeira, máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos e de comunicações.

A flutuação de indicadores, porém, alimenta esperanças. O Sinalizador da Produção Industrial da indústria paulista desta semana aponta uma elevação de 6,2% em comparação com fevereiro, antecipando possível recuperação.

Expediente

Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 7. Quinta-feira, 16 de abril de 2009.

Colaboraram neste número: Marcelo Barroso Lacombe (coordenador) e Marcos Pineschi Teixeira.

O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

A taxa de desemprego em 2008 foi de 6,8%, a menor desde 2003, quando atingiu 10,9% ao ano. Esse resultado reflete os ganhos nos meses antes da crise. As previsões do Ministério do Trabalho para a taxa de desemprego, para o final de 2009, situam-se ao redor de 7,5%. As estimativas apontam para uma estabilidade na taxa de formalização, que se encontra hoje no patamar de 55% da força de trabalho.

No que respeita aos desdobramentos da crise entre as classes de renda, o pior impacto deu-se entre as classes A, B e C. O risco de indivíduos destas classes caírem para as classes D e E aumentou de 2% para 12%. Por outro lado, as possibilidades de ascensão de indivíduos das classes D e E para as classes superiores foram diminuídas. Em fevereiro a renda média do trabalhador atingiu 1189 reais, inferior ao maior nível atingido pelo governo Lula, em maio de 2008, quando renda média do trabalhador havia chegado a 1208 reais.

Dificuldades no Brasil refletem situação mundial

O comportamento do desemprego é similar ao observado em outros países. No Reino Unido a taxa de desemprego poderá atingir 6%, a pior desde 1997. Na Alemanha essa taxa já alcançou os 8,6%, de acordo com informações de março do Ministério do Trabalho daquele país. No Japão o desemprego atingiu 4,4% da população, a maior taxa em 35 anos. Nos EUA o desemprego já está em 8,5% a pior taxa em 25 anos. Na França, o desemprego situa-se atualmente no nível de 8,8%.

Na China o desemprego ficou no nível 1,8% em 2008 e o governo chinês compromete-se a manter o desemprego abaixo de 2,5% em 2009. Entretanto, com o declínio das exportações, trabalhadores migrantes de regiões rurais estão encontrando dificuldades em encontrar vagas na indústria. De acordo com dados publicados pelo governo chinês em fevereiro deste ano ao redor de 20 milhões, de um total de 130 milhões de trabalhadores migrantes, estão sem emprego.

Trata-se de uma inversão de tendência em escala mundial. O recorde histórico de desemprego no mundo havia sido registrado em 2004, quando o total de desempregados atingira a cifra de 195 milhões e vinha lentamente declinando. Com a crise, esse número volta rapidamente a crescer.

Os mais afetados pela atual onda de desemprego são os jovens de até 24 anos, que representam 44% da população mundial de desempregados. A OIT estima um aumento de 50 milhões de desempregados para este ano. A África poderá chegar a um total de 28 milhões de desempregados.

Um doloroso efeito do desemprego é o aumento do trabalho em condições miseráveis, correspondendo a um salário inferior 1,25 dólares por dia. Outro

efeito importante é o aumento do emprego precário, Na África Subsaariana, 240 milhões de trabalhadores estarão reduzidos à condição de aceitar somente empregos precários.

Estudos de exportação são desafio

A queda de emprego e renda de outros países sugere que as exportações brasileiras enfrentarão um clima mais austero nos próximos meses. Nossos parceiros compram na medida de sua disponibilidade e do seu nível de produção. E haverá mais competidores, na medida em que empresas voltadas a seus mercados internos tenham que buscar o mercado internacional para alcançar suas metas.

Nesse ambiente de competição acirrada não bastam intuição de mercado e habilidade de negociação para orientar as estratégias de governo. A escolha da política de comércio exterior mais adequada depende de estimativas razoavelmente confiáveis a respeito das reações dos demais competidores e clientes.

Lições norteamericanas

A retomada de um fluxo de comércio mais intenso com os Estados Unidos é questão de tempo. Reduzido nos últimos meses a cerca de 11% das nossas exportações, em valor, conforme abordado em nosso boletim anterior, o mercado americano ainda tem maior importância do que esse indicador sugere.

No médio prazo, com o arrefecimento da crise, será oportuno incrementar as vendas de nossos produtos àquele mercado, face à magnitude de sua economia – e de sua renda per capita –, que tem capacidade de absorver uma grande diversidade de produtos.

Não será tarefa fácil. Os EUA celebraram diversos acordos bilaterais, em especial com outros países da América Latina, que poderão, em tese, ser indicativos de uma eventual perda de competitividade dos produtos brasileiros naquele país, pela imposição de sobretaxas ou de restrições que os deixem em desvantagem em relação a produtos similares provenientes dos países que efetuaram essas negociações.

O desafio é que as estimativas dos potenciais ganhos e perdas de nossas empresas, que são um subsídio fundamental para as negociações comerciais, resultam, em geral, de estudos extremamente complexos. O governo, e também o setor produtivo, estarão melhor qualificados a negociar se direcionarem esforços para esses estudos, uma vez que avaliações mais profundas e confiáveis desses aspectos podem fundamentar uma postura mais agressiva e informada nas difíceis negociações comerciais que se vislumbram para o futuro próximo.

Nesse aspecto, há muito o que aprender dos norteamericanos e de um de seus instrumentos de prospecção mais interessantes, o projeto GTAP (Global Trade Analysis Project).

Esse projeto foi estabelecido em 1992 e, desde então, tem desenvolvido um modelo de equilíbrio geral que utiliza uma base de dados com informações de todo o mundo, sendo atualizado anualmente segundo orientações de equipes de vários organismos, tais como a OMC, o Banco Mundial e a OECD, entre outros.

Três das cinco análises quantitativas usadas pelo governo norteamericano na avaliação da Rodada Uruguai do GATT, em 1995, foram efetuadas utilizando o GTAP e virtualmente todas as análises quantitativas do comércio global para a Rodada do Milênio promovida pela OMC teriam sido efetuadas usando essa base de dados e seu modelo. Diversos aspectos do GTAP dão suporte à realização de estudos aprofundados a respeito do comércio, de forma a possibilitar a estimação dos efeitos decorrentes de liberalizações concedidas para determinados produtos.

Entretanto, mesmo com o apoio desse ou de outros modelos, a realização de estudos técnicos em comércio exterior é uma árdua tarefa. Abordagens mais simples, como o acompanhamento de tendências de indicadores selecionados ou o estudo de séries temporais, podem ser alternativas práticas, oferecendo interessantes intuições, mas ao preço de não se dispor de explicações precisas para as mudanças de comportamento dos demais competidores. Enriquecer esses estudos com análises a partir de modelos pode revelar-se uma alternativa mais robusta para subsidiar as negociações comerciais.

Há custos e esforços importantes para se utilizar tal projeto. Mas consolidar iniciativas nessa direção pode ser importante para as negociações comerciais do Brasil, inclusive para aprimorar a definição de um foco para a política comercial, de forma a abrir frentes de negociação inovadoras, com uma análise quantitativa prévia das oportunidades.

O projeto GTAP pode ser acessado em <https://www.gtap.agecon.purdue.edu/>